



Verbos pronominais: uma abordagem enunciativa

Pronominal verbs: an enunciative approach

Fátima Graziele de Souza*
UNEMAT

Neuza Benedita da Silva Zattar**
UNEMAT

Resumo: Propomos analisar por meio de uma abordagem enunciativa como as formas linguísticas representadas por verbos pronominais, *apaixonar-se* e *arrepender-se*, se sustentam na articulação entre o referencial histórico e as pertinências do dizer na atualidade, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica da Enunciação, desenvolvidos por Eduardo Guimarães (1995, 2005) e Luiz Francisco Dias (2013a, 2013b, 2015a, 2015b, 2018a), no Brasil. Observamos que as ocorrências enunciativas com os verbos pronominais significam por uma memória de sentidos que ganha pertinência na atualidade do dizer e tematizam relações de afetividade entre os interlocutores que podem ou não obter êxito com a reciprocidade de sentimentos, ideais e ações.

Palavras-Chave: Verbos pronominais, Semântica da enunciação, Referencial histórico, Pertinência enunciativa.

Abstract: We propose to analyze by means of an enunciative approach as the linguistic forms represented by pronominal verbs, *apaixonar-se* and *arrepender-se*, are sustained in the articulation between the historical reference and the pertinence of to say in the present time, in light of the theoretical-methodological assumptions of Semantics of

Enunciation, developed by Eduardo Guimarães (1995, 2005) and Luiz Francisco Dias (2013a, 2013b, 2015a, 2015b, 2018a), in Brazil. We observed that the enunciative occurrences with the pronominal verbs mean by a memory of meanings that gains relevance in the actuality of to say and thematize relations of affection between the parties that may or may not succeed with the reciprocity of feelings, ideals and actions.

Keywords: *Pronominal verbs, Semantics of enunciation, Historical reference, Enunciative relevance.*

1. Considerações Iniciais

Como ressalta Mário Perini (1989, p. 5) “a gramática tradicional ainda é uma preciosa fonte de perguntas a respeito da língua”, e por esse viés procuraremos refletir sobre a terminologia e a conceituação dos verbos pronominais, também intitulados como “verbos reflexivos”, “verbos pronominais reflexivos”, “verbos pronominais propriamente ditos”, “verbos obrigatoriamente reflexivos”, “verbos com clítico inerente”, nas gramáticas de língua portuguesa de Said Ali (1971), Rocha Lima (1984), Cunha e Cintra (1985), Almeida (1999), Neves (2000), Azeredo (2000) e Bechara (2009).

Os estudos sobre o uso do clítico pronominal junto a um verbo apresentam muitas definições, argumentos similares e também distintos. Nesta reflexão, utilizaremos o termo verbo pronominal como correspondente a construções do tipo [verbo + clítico pronominal], especificamente, um item lexical verbal associado ao clítico *SE*.

No entanto, não é nossa pretensão apresentar novas categorias ou realizar compilações exaustivas de ocorrências verbais, mas investigar por meio de uma abordagem enunciativa como as formas linguísticas representadas por verbos pronominais se sustentam na articulação entre o referencial histórico e as pertinências do dizer na atualidade. Ancoramos as análises dessas formas pronominais nos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica da Enunciação desenvolvidos por Eduardo Guimarães (1995, 2005) e Luiz Francisco Dias (2013a, 2013b, 2015a, 2015b, 2018a), no Brasil.

Para tanto, organizamos nossa reflexão em três seções. Na primeira seção, apresentamos uma síntese dos estudos pronominais em

gramáticas brasileiras. Na segunda, espelhamos os conceitos de referencial histórico, pertinência enunciativa e rede enunciativa que deverão sustentar teoricamente as análises; e, por fim, analisamos algumas ocorrências de verbos pronominais, selecionadas em uso efetivo no meio digital, observando como as articulações formais que os verbos contraem são determinadas pela relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

2. O olhar dos gramáticos sobre os verbos pronominais

Os estudos tradicionais intitulam como verbos pronominais aqueles que ocorrem exclusivamente acompanhados por pronomes oblíquos reflexivos (me, te, se, nos) correspondentes à pessoa gramatical do sujeito.

O conjunto descrito de tais verbos apresenta pouco mais de cem ocorrências e os exemplos prototípicos são *arrepender-se* e *queixar-se*. O clítico pronominal, no caso, não tem função sintática reconhecida e não é argumental. Isto é, o pronome oblíquo não altera a grade temática do verbo, sendo, portanto, uma realização morfológica da relação predicativa (indicação do sujeito).

Os pronomes clíticos, nas línguas românicas, segundo Kaiser (1996), se distinguem de outros sintagmas nominais, por não serem palavras completas e nem simples afixos. Conforme o estudioso, eles dispõem de uma sintaxe específica e devem ser considerados como integrantes de uma classe intermediária entre as palavras independentes e morfemas presos.

Nesse caso, intuímos que uma das dificuldades de delimitação da classe dos verbos pronominais pode advir da pluralidade de funções que, especificamente, o clítico *SE* pode assumir na língua portuguesa. Pelo aspecto morfossintático, esse clítico é descrito como pronome reflexivo, pronome recíproco, conjunção subordinativa (integrante, condicional, causal), partícula integrante do verbo, partícula de realce, partícula apassivadora e índice de indeterminação do sujeito.

Por esse viés, merece menção a leitura diacrônica proposta por Bandeira (2007, p.10), a de que a divergência descritiva dos verbos pronominais em língua portuguesa pode advir da “prática de aproximar as formas do português às ‘antigas marcas’ do latim clássico, na tentativa de, entre elas, estabelecer alguma correspondência sintática ou

morfológica”, por conta das diferenças entre as duas línguas, das quais restaram os problemas de inconsistência na descrição das construções verbais pronominais do português nas gramáticas lusófonas.

Lenharo (2014) aponta que outras línguas românicas como o francês, o italiano e o espanhol também sofrem com a confusão relacionada à caracterização/classificação herdada do latim e, até mesmo, em línguas europeias como o russo e o alemão, é possível verificar dificuldades relacionadas a construções do tipo [verbo + clítico pronominal].

Desse modo, apresentamos as definições de verbo pronominal nas gramáticas brasileiras de Said Ali(1971), Rocha Lima (1984), Cunha e Cintra (1985), Almeida (1999), Neves (2000), Azeredo (2000) e Bechara (2009).

Said Ali (1971) trata dos verbos essencialmente pronominais ao refletir sobre a noção de voz média ou medial, forma verbal em que o verbo aparece conjugado com o pronome reflexivo, abrangendo funções de reflexividade e reciprocidade, entre outras.

Para o gramático,

Muitos verbos têm significação de tal espécie que, conjugados pronominalmente, não se prestam a ser interpretados como se executasse o sujeito algum ato reversivamente sobre a própria individualidade. *Espantei-me, enganei-me, convenci-me, enfadei-me, aborreci-me, zanguei-me*, só podem equivaler a “fiquei espantado, enganado, convencido, enfadado, zangado, aborrecido”. A forma reflexa vem aqui dizer que o mesmo efeito que o sujeito, como agente, produz em outros indivíduos, se produziu inversamente nele por alguma causa qualquer do mundo exterior. Estes verbos conjugados pronominalmente têm em comum com uma série de verbos intransitivos essencialmente pronominais, o significarem sentimento. Por outras palavras para expressar o sentir zanga, medo, vergonha, piedade, arrependimento, etc. socorre-se a linguagem de verbos pronominais, ora de um tipo, ora do outro: *angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se*,

amedrontar-se, espantar-se, pasmar-se, entusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, amercear-se, condoer-se, comiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se, etc. (SAID ALI, 1971, p. 178, grifo nosso).

Por sua vez, Rocha Lima (1984, p. 145, grifo nosso) afirma que os verbos pronominais são os “acompanhados dos pronomes oblíquos de cada pessoa”, como *ajoelhar-se, suicidar-se, condoer-se, apiedar-se, ufanar-se, queixar-se e vangloriar-se*. Esses “pronomes átonos” constituem uma parte integrante inseparável do verbo, não desempenham nenhuma função sintática, são “fossilizados.” (ROCHA LIMA, 1984, p. 320). Por isso, os verbos pronominais são realizados sintaticamente sem objeto direto ou indireto. Segundo o gramático (Idem), o caso da presença do clítico *SE* especificamente nos verbos pronominais pode ter surgido por analogia a outros verbos, tais como *aborrecer-se, magoar-se e ferir-se*, para os quais o *SE* possui função de objeto direto.

Cunha e Cintra (1985), no tópico acerca da voz reflexiva, distinguem verbo reflexivo de verbo pronominal, quer pelo sentido, quer pela forma. Segundo os autores,

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados *verbos pronominais*, de que podemos distinguir dois tipos: a) os que só se usam na forma pronominal, como: *apiedar-se, condoer-se, queixar-se, suicidar-se*; b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal como, por exemplo: *debater [= discutir]; debater-se [= agitar-se]; enganar alguém, enganar-se com alguém*. (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 395, grifo nosso).

Almeida (1999, p. 211, grifo nosso) define o verbo “pronominal essencial” como aquele que só pode ser realizado com um clítico pronominal, como *arrepender-se, queixar-se, indignar-se, abster-se*,

apoderar-se e *comportar-se*. Os clíticos de verbos essencialmente pronominais não indicam exatamente “uma revolução da ação verbal sobre o sujeito” e, apesar de não exercerem nenhuma função sintática, a realização do verbo sem o clítico seria “impossível” e configuraria um “erro”. Por sua vez, os verbos acidentalmente pronominais como *pentear-se*, *alimentar-se* e *matar-se*, a reflexividade da ação se apresenta de maneira “patente”. Vejamos os exemplos:

- (1) “Ele *se queixa*.” (ALMEIDA, 1999, p. 211).
- (2) “Eu *me feri*.” (Idem).

Neves (2000) afirma que o verbo pronominal é aquele que possui como sua parte integrante uma “forma oblíqua reflexiva” (Idem, p. 468-469) dos pronomes pessoais como, por exemplo, *abraçar-se*, *decepcionar-se*, *doutorar-se*, entre outros. Vejamos alguns exemplos:

- (1) “Rosalinda *abraçou-se* ao corpo de Jacob.” (NEVES, 2000, p. 468)
- (2) “Já vi de tudo e já *me decepionei*.” (Idem, p. 469)
- (3) “[Sérgio Porto] *doutorou-se* em Física nos Estados Unidos.” (Ibidem, p. 469).

Azeredo (2000, p. 174-175, grifo nosso) diz-nos que a “classe dos verbos pronominais (*comportar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*) é um conceito morfológico que surge quando um pronome reflexivo se cristaliza junto ao verbo e deixa de haver voz reflexa, que é um conceito sintático.”

Bechara (2009, p. 223-224) denomina de pronominais os verbos empregados na “forma reflexiva propriamente dita”. O gramático diz-nos que a construção de verbos “pronominais na língua padrão” pode se realizar sem a presença do clítico pronominal, conforme os casos listados a seguir:

- (1) “*aquecer*, *chamar*, *mudar*, *gripar*, *machucar*, *formar* e *classificar*”.
- (2) “Eu *formei* em Medicina.”
- (3) “Ele *classificou* em 3º lugar.” (Grifo nosso).

É possível notar algumas diferenças e similitudes nas formulações que versam sobre a questão dos verbos pronominais nas gramáticas elencadas acima. Inicialmente, convém destacar que os compêndios de Neves (2000) e Azeredo (2000) não se inserem no grupo das gramáticas tradicionais, e se caracterizam como exemplares de gramáticas descritivas, cujo objetivo é descrever a estrutura e o funcionamento da língua, sua forma e função. Em outros termos, têm por preocupação descrever, explicar “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também usar e interpretar essas expressões de uma maneira internacionalmente satisfatória”. (NEVES, 2006, p.15).

Reiteramos que ao mencionarmos a abordagem gramatical tradicional fazemos menção ao acontecimento político da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB, 1959), oficializada pelo Estado brasileiro e que produziu um efeito de congelamento do discurso das gramáticas, visível na repetição do formato e dos conteúdos. Isto é, na busca de uma terminologia mais fiel ao registro dos acontecimentos de linguagem a NGB produziu uma cristalização, padronização de um modelo de escrita visando conter os equívocos, as lacunas e as contradições perante a complexidade da língua.

Dito isso, observamos que Neves (2000) se limita a classificar o verbo pronominal como aquele que tem uma forma oblíqua reflexiva, enquanto Azeredo (2000) complementa e enfatiza pelo viés da morfologia que os verbos pronominais são resultantes da cristalização de um pronomine reflexivo junto ao verbo, porém, do ponto de vista sintático, o sentido de reflexividade expresso pela forma verbal deixa de ocorrer.

Cunha e Cintra (1985), ao proporem uma diferenciação entre forma pronominal e forma reflexa, comungam com a hipótese de Azeredo (2000) de que, apesar dos verbos pronominais terem um pronomine reflexivo em sua constituição formal, não têm sentido de reflexividade.

Bechara (2009), distintamente da definição de Azeredo (2000) e Cunha Cintra (1985), afirma que os verbos pronominais são aqueles empregados no sentido reflexivo “propriamente dito”. Ainda, conforme o gramático (Idem), alguns verbos pronominais “na língua padrão” se realizam sem o clítico pronominal. Rocha Lima (1984), por sua vez, assim como Almeida (1999), afirma categoricamente que o clítico pronominal é inseparável do verbo.

Em síntese, pode-se inferir que as divergências, quanto à nomenclatura e classificação dos verbos pronominais, assentam-se, principalmente, na noção de reflexividade e na obrigatoriedade do uso do clítico, apesar de os exemplos disponibilizados nas obras citadas serem poucos e parcialmente reproduzidos em todos os manuais.

Convém acrescentar que a definição dos verbos pronominais, em língua portuguesa, sustenta-se sob o ponto de vista da diátese média (reflexiva) que, grosso modo, pode ser definida como a somatória da voz ativa e da voz passiva. Se na voz ativa, as formas verbais denotam um processo que se efetua a partir do sujeito e fora dele, na voz reflexiva o processo se efetua no interior do sujeito. O verbo indica um processo do qual o sujeito é a sede, isto é, o sujeito está no interior do processo.

Em outras palavras, a voz reflexiva é uma categoria flexional que se constitui por meio de um “conjunto paradigmático de sufixos verbais com uma função semântica bem delineada: expressar eventos em que a ação ou o estado afeta o sujeito ou seus interesses.” (LYONS, 1979, p. 373).

Merece menção o fato de que Bechara (2009), apesar de descrever as normas para bom uso da língua, conforme fazem os manuais tradicionais, avança por considerar o uso específico em certos contextos de determinadas estruturas gramaticais, pois assim como Said Ali (1964), o filólogo considera a voz média, cuja existência não é observada pela gramática tradicional, que considera apenas as vozes ativa, passiva (analítica e sintética) e reflexiva. Na definição de Said Ali (1964) a voz média é uma voz intermediária entre a voz ativa e a voz passiva.

Na esteira desse pensamento, Camacho (2003) diz-nos que a voz média é caracterizada como a categoria flexional das línguas clássicas indo-europeias com função de expressar estados de coisas que afetam o sujeito do verbo ou seus interesses.

A partir do exposto, questionamos: Qual é o critério para reconhecermos se o verbo é pronominal? Por que formas verbais como apaixonar-se, arrepende-se são consideradas reflexivas obrigatórias ou pronominais? Como conceber a significação dos verbos pronominais? A nossa hipótese inicial é de que as formas linguísticas, entendidas como verbos pronominais, se qualificam e adquirem pertinência na enunciação.

A seguir, apresentaremos os conceitos teóricos fundamentais da Semântica da Enunciação que nortearão o desenvolvimento da reflexão em torno das formas verbais pronominais, na perspectiva de compreender a constituição da significação, não somente pelo viés das “regularidades estruturais, mas [...] centradas numa ordem da materialidade do dizer cujo alcance é mais amplo e denso do que a horizontalidade das relações sintagmáticas”. (DIAS, 2018a, p.12).

3. A Semântica da Enunciação

Conforme observado na seção anterior, os fenômenos linguísticos, como os verbos pronominais, são descritos pelo viés morfossintático, no entanto, neste trabalho, propomos observar esses fenômenos numa abordagem enunciativa.

Assim, ancoramos epistemologicamente na Semântica da Enunciação proposta por Guimarães (2005, p.7), para quem “a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”, e nos pressupostos de Dias (2018a, p. 253), para quem “a enunciação se constitui como acontecimento da produção do enunciado na medida em que enunciar é significar um presente da enunciação pela memória das significações já constituídas em outros tempos”.

Pensar a significação dos verbos pronominais, nessa perspectiva, implica considerar que “as expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam”. (GUIMARÃES, 2005, p.5). Dito melhor, a significação de um enunciado é uma via de mão dupla:

[...] de um lado, advém da pertinência enunciativa, isto é, de uma motivação do presente do enunciar. De outro lado, constitui-se pelos referenciais que proporcionam as balizas históricas para significar esse presente contraído pelas pertinências enunciativas. (DIAS, 2016, p. 37-38).

Compreendemos por pertinência enunciativa a incitação para significar um presente. Ou seja, pela “demanda do presente somos instados a dizer, a compreender, e dar sentido àquilo que nos faz

pertinente na corrente do cotidiano” (DIAS, 2018b, p. 30). Ressaltamos que a pertinência enunciativa, nesse caso, não significa apropriação ou relevância do que é dito, mas sim o fato de que esse dizer se relaciona com outros dizeres no presente do enunciar.

Ao depararmos com as sequências linguísticas:

- (a) *homem (se) apaixonou por sogra*
- (b) *homem (se) apaixonou por outro homem*
- (c) *homem (se) apaixonou por sua melhor amiga*
- (d) *homem (se) apaixonou pela namorada do melhor amigo*
- (e) *homem (se) apaixonou homem por sogra*

Podemos perguntar o que motiva ou não essas formulações? Por que a sentença (e) é considerada agramatical? Quais as razões enunciativas? Por que é pertinente dizer (a, b, c, d) e não (e)? Compreendemos que “há alguma demanda de pertinência desse arranjo lexical nessas [...] sequências linguísticas” (DUARTE NETO, 2018, p. 61), pois, “há algo da atualidade do enunciado que convoca o sujeito a dizer o que se diz”. (Idem, p. 60).

Vejamus que as sequências linguísticas em (a, b, c, d) deixam flagrantemente perspectivas históricas e, por isso, adquirem pertinência em um espaço de enunciação. Já a formulação em (e), além de ser considerada agramatical, ilustra aspectos em torno da reflexividade e obrigatoriedade do clítico, demonstrando que não temos uma atualização do sentido das formas linguísticas no acontecimento enunciativo, logo, essa frase não participa das relações que a antecedem, não adquire pertinência que sustente tal dizer. Conforme Dias (2018a), a pertinência do dizer mantém relação com o referencial histórico, com aquilo que já foi significado, que sustenta a “qualificação enunciativa das formas linguísticas” (Idem, p.101).

Por referencial histórico compreendemos a filiação que sustenta a significação dos enunciados no presente do enunciar tendo em vista o funcionamento histórico da sociedade. Dias (2015a, 2015d), ao propor a noção de referencial histórico, se inspira na visão de Foucault (1969) e conclui que as “palavras, ou sintagmas significam não exatamente pelas singularidades que dizem, mas por relações estabelecidas antes mesmo do dizer” (DIAS, 2018a, p. 101).

No entendimento do estudioso, o referencial histórico é constituído pelo “memorável de outros dizeres”, tal como conceitua Guimarães (2018, p. 41), “o recorte do passado, produzido pelo acontecimento” que ancora as possibilidades de formulação e significação dos enunciados. Tendo em vista que o memorável “faz parte do sentido não somente aquilo a que o enunciado remete, mas também aquilo que já se falou, e que o enunciado se filia, e aquilo que fala o enunciado”.

Nessa direção, Dias (2018a, p. 99-100) pontua que “é o próprio enunciado, e não as propriedades inerentes aos seres, estados e relações, que constitui o referencial”. Portanto, o referencial histórico é constituído no e pelo acontecimento enunciativo. Conforme o autor afirma,

Enuncia-se a partir de uma exterioridade, de ordem histórica, ancorada numa temporalidade inexorável à enunciação. Essa temporalidade é fecunda em enunciados outros e é em referência a eles [...] que se constitui a significação, produzindo como resultado a possibilidade de comunicação (DIAS, 2015, p. 117)

Desse modo, propomos olhar a construção da significação dos verbos pronominais como o acontecimento que se constitui na relação entre o referencial histórico (recortes de memória) e a pertinência enunciativa (demanda do presente). Em outros termos, observar como converge “o ordenamento dos elementos linguísticos, conduzidos [...] por regras da língua, mas organizados em função das condições enunciativas que determinam os recortes de significação dos enunciados”. (DUARTE NETO, 2018, p. 88).

Por fim, para que possamos desenvolver esse olhar enunciativo sobre os verbos pronominais, utilizaremos como procedimento metodológico as redes enunciativas, que dão visibilidade aos aspectos de produção dos enunciados, ou seja, “o funcionamento da língua na produção do sentido” (DIAS, 2018a, p. 31).

Conforme Dias (Idem, p. 36), a rede enunciativa é “um procedimento de demonstração das relações entre unidades articuladas, por meio de semelhanças e diferenças entre construções linguísticas”. Ela permite “estabelecer pontos de observação enunciativa, tendo em

vista as dimensões do sentido [...] demonstrar que uma estruturação formal pode ser enunciativamente permeada por dimensões diferentes da significação” (Idem, p. 35).

O teórico explicita que o pesquisador ao construir uma rede enunciativa pode dispor de ocorrências de uso efetivo, disponibilizadas, por exemplo, nas plataformas eletrônicas, tais como o *Google*, ou banco de dados, e é possível ainda construir ocorrências com objetivo de contrastar a “construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta” (Ibidem).

Passemos na próxima seção ao desenvolvimento de nossa hipótese reflexiva de que as relações sintático-semânticas construídas pelos verbos pronominais são resultantes da relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa no presente do enunciar.

4. Verbos pronominais: Referenciais e Pertinências Enunciativas

Nesse momento, passaremos a examinar nossa hipótese de que a significação dos verbos pronominais em língua portuguesa, especificamente, as formas verbais *apaixonar-se* e *arrepender-se* sustentam-se na articulação entre o referencial histórico e as demandas de pertinência do dizer na atualidade.

O verbo *apaixonar-se* no sentido dicionarizado significa:

1. verbo transitivo direto (VTD), *causar, excitar ou inspirar paixão em*; 2. verbo pronominal (VP), *enamorar-se perdidamente, dedicar-se com ardor ou gosto a alguma coisa*¹.

Vejam algumas ocorrências do verbo *apaixonar-se* retiradas do meio eletrônico e organizadas em rede enunciativa, procedimento que permite “desenvolvermos o conhecimento do funcionamento da língua na produção do sentido”. (DIAS, 2018a, p. 31).

Passemos à primeira rede enunciativa com a forma pronominal *apaixone-se por X*.

Quadro 1: Rede enunciativa *apaixone-se por X*

(1) Apaixone-se por alguém que te ame ² .
(2) Apaixone-se por alguém que demonstre sentimentos ³ .
(3) Apaixone-se por alguém que te tire do chão ⁴ .
(4) Apaixone-se por alguém que defenda os direitos humanos ⁵ .

Fonte: construção própria.

No quadro acima, observamos que o conjunto de enunciados tematizam o verbo *apaixonar-se*, isto é, articulam-se entre si, construindo uma motivação social em torno da utilização da forma verbal *apaixone-se por X*.

Observemos que os enunciados têm como referencial histórico as relações afetivas, logo, a forma verbal tem sua significância sustentada na relação entre uma memória de sentidos (relações correspondidas ou não) que provocam demandas de pertinência.

Nota-se que as ocorrências enunciativas apresentam como preenchimento de *X* diferentes atualizações *sobre o alvo de apaixonar-se*, assim, a forma verbal retoma uma memória de ‘condição (alvo) em favor de algo’ por meio da forma verbal *apaixone-se por*, ou seja, o verbo, além de denotar um estado subjetivo, retoma e enfatiza o alvo do qual a ação verbal é direcionada.

No domínio referencial das relações afetivas historicizadas pela construção *apaixone-se por*, podemos perceber que consta um histórico de relações não correspondidas ou não recíprocas que provocam demandas de pertinência em ocorrências como (1) *apaixone-se por alguém que te ame*, (2) *apaixone-se por alguém que demonstre sentimentos* e (3) *apaixone-se por alguém que te tire do chão*. Podemos visualizar essa relação por meio de rede enunciativa com foco na negação.

Quadro 2: Rede enunciativa *não se apaixone por X*

(6) Não se apaixone por alguém que não te ame.
(7) Não se apaixone por alguém que não demonstre sentimentos.
(8) Não se apaixone por quem não te inclui na vida ⁶ .
(9) Não se apaixone por quem não cuida de você ⁷ .

Fonte: construção própria.

Vejam os enunciados (1, 2, 3) além de retomar uma memória de projeções em torno do ideal de amor romântico, das fantasias, da expectativa, o verbo em articulação com as demais formas linguísticas projeta e atualiza uma memória de idealização da afetividade, sustentada pela frustração de relações não correspondidas.

Em outras palavras, o alvo (objeto) da ação verbal *apaixionar-se* deve ser a busca da reciprocidade das ações, das expectativas comportamentais que se cria em relação ao objeto da paixão, isto é, aquilo que se deseja e se exige do outro.

Logo, as relações significantes marcadas pela forma pronominal *apaixonar-se por* transitam entre os polos da necessidade de ser correspondido em totalidade, que provoca satisfação e alegria; e, da possibilidade de ser e não ser, visto que a totalidade é sempre uma possibilidade, podendo vir a se tornar frustração.

Na ocorrência (4) *apaixone-se por alguém que defenda os direitos humanos*, permite-nos visualizar um efeito de dilatação referencial do verbo pronominal, a projeção de novas pertinências, tematizamos essa leitura na rede enunciativa que se segue.

Quadro 3: Rede enunciativa *apaixone-se por X*

(8) Apaixone-se por alguém que defenda a democracia.
(9) Apaixone-se por alguém que não tenha medo de se posicionar perante as injustiças.
(10) Apaixone-se por alguém que te traz pizza num domingo à noite.
(11) Apaixone-se por alguém que enche o tanque do seu carro de gasolina.

Fonte: construção própria.

Vejam os enunciados (8 e 9) retomam, em certa medida, as relações tematizadas nas redes enunciativas anteriores, em torno de uma memória de idealização da afetividade e sustentam uma nova demanda de pertinência enunciativa pautada na busca pelo equilíbrio e pela reciprocidade de valores. Ao enunciar (4) *apaixone-se por alguém que defenda os direitos humanos*, a preocupação com os vínculos de natureza jurídica e sociológica se sobrepõem aos vínculos emocionais.

Se as formas linguísticas complementares *alguém que te ame; que demonstre sentimentos; que te tire do chão* conduzem a uma memória que enfatiza a química, a loucura, a aventura, a emoção intensa, o perigo, o companheiro ideal; na enunciação *alguém que defenda os*

direitos humanos observamos uma advertência para o fato de que as paixões são passageiras, arriscadas, diferentemente do compartilhamento de ideais, metas e objetivos.

Já nas ocorrências (10 e 11) notamos que a concepção de afetividade que atravessa a construção *apaixonar-se por* projeta novos referenciais para a ação verbal, para os quais não basta a reciprocidade de sentimentos ou ideias, mas também ações nas quais é possível se mensurar a paixão. Ou seja, além da projeção de um ideal de afetividade temos uma avaliação descritiva de ações pontuais que o outro (alvo) deve empreender (trazer pizza ou encher o tanque do carro) na busca de merecer ser o alvo da paixão de alguém.

Arriscamos dizer que a forma verbal preposicionada significa com um certo tom imperativo que tende a homogeneizar, tornando quase mensurável em critérios quantitativos o modo como deve ocorrer as relações interpessoais. Pois, ao observarmos nos enunciados a relação entre o referencial histórico e as pertinências enunciativas, notamos que o “sujeito, afetado pelas suas condições históricas, ao se utilizar da língua, coloca em relação os sentidos das unidades lexicais e as novas demandas de significação do presente”. (DUARTE NETO, 2018, p. 37).

Por fim, a forma linguística resume a percepção das enunciações da língua e uma atualidade do seu uso. Com efeito, a significação da forma pronominal *apaixonar-se por* se atualiza ao retomar a construção das relações afetivas (recíprocas ou não) e projetar sentidos que alcancem a idealização amorosa, o compartilhamento de ideais e as formas comportamentais que o alvo da paixão deve realizar.

Passemos à quarta rede enunciativa que tematiza a forma pronominal *apaixone-se*.

Quadro 4: Rede enunciativa *apaixone-se X*

(12) Apaixone-se todos os dias pela vida ⁸ .
(13) Apaixone-se pelo processo e os resultados virão ⁹ .
(14) Apaixone-se por estudar, pois é isso que vai tornar seu sonho realidade ¹⁰ .

Fonte: construção própria.

Podemos observar que, diferentemente da perspectiva marcada na primeira rede enunciativa que tematiza as relações afetivas, os

enunciados na segunda rede têm por foco o relacionamento subjetivo, em que a variação afeta o que se beneficia da paixão de alguém. Sendo assim, constrói-se uma perspectiva ancorada no referencial histórico da busca pelo desenvolvimento do bem-estar pessoal.

Notamos que os enunciados (13) *apaixone-se pelo processo e os resultados virão* e (14) *apaixone-se por estudar, pois é isso que vai tornar seu sonho realidade* contraem pertinência enunciativa na medida em que ativam uma memória do sucesso profissional, característica marcante da organização civilizatória do mundo ocidental.

Desse modo, a forma pronominal se torna pertinente na atualidade por retomar o referencial de que o bem-estar pessoal de um cidadão produtivo no mundo contemporâneo assenta-se na ideia de que a recompensa é atrelada ao esforço, ou seja, o indivíduo que se dedica com ardor as suas tarefas, tais como o estudo, atinge seus objetivos, sonhos. Parfraseando teríamos formulações como (15) *apaixone-se por estudar para passar no concurso*, (16) *apaixone-se por estudar para ter o emprego de seus sonhos* ou (17) *apaixone-se por estudar para ganhar dinheiro e mudar de vida*.

É interessante notar que não temos nesses enunciados a evocação de uma memória de poder divino que poderia intervir mediando a ação do esforço ao sucesso, antes, observamos um acontecimento de enunciação que se regula por meio de uma memória advinda das práticas filosóficas da época da Renascença (século XIX, XVIII) de que o ser humano é capaz, sozinho, de criar e transformar a realidade natural e social.

No enunciado (12) *apaixone-se todos os dias pela vida* a pertinência do dizer ultrapassa, novamente, o viés do romantismo, das relações afetivas expressas na primeira rede enunciativa, atualizando sentidos que se ancoraram na ideia da desfrutação de uma vida aprazível. Logo, a manutenção do bem-estar pessoal consiste na busca da superação das divergências que a vida pode acarretar por meio do esforço do indivíduo.

Parece-nos que a forma verbal pronominal significa na medida em que retoma e enfatiza uma certa ideia de individualidade, uma vez que, no mundo cosmopolita, o ser humano deve vencer (preguiça, pessimismo) a si mesmo para alcançar o sucesso. Consequentemente, a forma verbal se torna pertinente na enunciação por atualizar sentidos de otimismo, valorização pessoal, recompensa.

Em outras palavras, as formas verbais “são constitutivas da relação que se estabelece entre uma instância de presente do enunciar e uma instância de anterioridade (da memória)” (DIAS, 2013, p. 9), ou seja, carregam uma memória de dizeres (regularidades) e as articulações dessas formas linguísticas permitem a sua atualização.

Na sequência, vamos examinar as relações de sentido estabelecidas pela forma verbal *arrepender-se*:

Quadro 5: Rede enunciativa *arrepender-se*

(18) Quem casa muito prontamente, arrepende-se muito longamente ¹¹ .
(19) Arrepender-se para não cair ¹² .
(20) A melhor hora para arrepender-se é antes de cometer o erro ¹³ !
(21) É melhor arrepender-se por ter feito alguma coisa do que por não ter feito nada ¹⁴ .

Fonte: construção própria.

Em sua forma dicionarizada, *arrepender-se* significa:

(1) verbo pronominal (VP), *sentir mágoa ou pesar por erros ou faltas cometidos*: Os fiéis arrependem-se pelos pecados cometidos.

(2) verbo pronominal (VP), *mudar de opinião, parecer ou propósito*: A jovem arrependeu-se de não ter ido viajar com as colegas.

(3) verbo pronominal (VP), *lamentar atitudes ou procedimentos defendidos ou praticados no passado*: O pai hoje se arrepende de não ter estudado.¹⁵

Etimologicamente, o verbo *arrepender* tem como raiz o grego *metanoeo*, cujo significado é mudança no ato de pensar, reconsideração. Já em latim, *repenitere* é o mesmo que contrição. Ancorados nesse ponto de vista, observamos que a forma verbal tem como referencial histórico o acontecimento da conversão, isto é, as enunciações que expressam uma certa mudança, tanto espiritual quanto intelectual de um determinado sujeito.

No enunciado (18) *quem casa muito prontamente, arrepende-se muito longamente*, formulado pelo dramaturgo inglês do começo do século XVIII, William Congreve, observamos que o verbo pronominal relaciona-se com os advérbios de modo (prontamente e longamente) que têm o sentido reforçado pela forma adverbial (muito), expressando que as atitudes efetivadas sem reflexão profunda conduzem ao sofrimento.

O enunciado retoma e atualiza enunciações proverbiais como: (22) *O noivado vai a cavalo, e o arrependimento à garupa*¹⁶; (23) *A pressa é a madrinha do arrependimento*¹⁷; (24) *Quem depressa resolve, depressa se arrepende*¹⁸. Assim, o verbo pronominal tomado em seu funcionamento enunciativo discursiviza as práticas históricas sociais tendo em vista o perfil social de indivíduos que agem com imprudência.

Nos enunciados (19) *arrepender-se para não cair* e (20) *a melhor hora para arrepender-se é antes de cometer o erro*, a forma verbal adquire tom de advertência, ressaltando a importância da antecipação do reconhecimento do erro.

Por um referencial religioso observamos que essas formulações condensam enunciações que remetem à condição humana que, em sua gênese, está ligada ao pecado, ao erro. Em termos bíblicos, retoma formulações como: (25) *Eu digo que não! Mas, se não se arrependerem, todos vocês também perecerão*. (Lucas, 13:3); (26) *Portanto, ó nação de Israel, eu os julgarei, a cada um de acordo com os seus caminhos. Palavra do Soberano, o Senhor. Arrependam-se!* (EZEQUIEL, 18:30).

Vejamus que a forma verbal carrega uma memória de dizeres que se atualizam no acontecimento enunciativo, significando que o arrependimento verdadeiro conduz à salvação, à plenitude. Assim, coloca-se em cena a construção da identidade religiosa do sujeito.

Retomando, novamente, os textos bíblicos, podemos fazer menção à história do apóstolo Pedro que, apesar de ter pecado gravemente, arrependeu-se, foi perdoado e escolhido como primeiro chefe da Igreja Católica, distintamente de Judas, que também cometeu uma grave falha, mas caiu no remorso, não se arrependeu e suicidou-se.

Como se observa, a tessitura dos enunciados com a forma pronominal aponta, historicamente, para a imagem do homem pecador, falho, e para a imagem de um Deus que pode punir, mas que também é misericordioso.

Por sua vez, o último enunciado, descrito na rede enunciativa, é um enunciado extraído da obra *O Decameron*, de Giovanni Boccaccio (1353): (21) *é melhor arrepender-se por ter feito alguma coisa do que por não ter feito nada*. Nele, observamos outra pertinência enunciativa que exalta a importância do agora, do presente, ou seja, do agir sem pensar demasiadamente nas consequências. É importante destacar que essa formulação de Boccaccio deu-se na cidade italiana de Florença, no século XIV, época em que o município foi atingido por uma epidemia denominada de peste negra que dizimou grande parte da população.

Notamos que o sujeito enunciativo, afetado por suas condições histórico-sociais, é tomado pelas formas da língua, que significam distintamente dos outros enunciados citados na rede enunciativa. Ou melhor dizendo, a forma pronominal ancora-se novamente em um tom de advertência de que é necessário usufruir do momento presente, visto que a doença pode consumir o indivíduo levando-o à morte.

Observamos, de um lado, o referencial religioso, pois o homem medieval em meio ao desencanto pela vida recorria à religiosidade, fugindo de qualquer pecado, visando alcançar o paraíso e até mesmo a santidade. E, de outro lado, entregava-se ao desregramento, acreditando que a morte chegaria logo e era preciso aproveitar o momento. Assim, a forma pronominal retoma dizeres que vão desde o desespero e aflição pela morte iminente até o otimismo e o desejo de aproveitar a realidade presente da melhor maneira possível.

Nesse sentido, na atualidade do dizer, o verbo pronominal retoma outros dizeres, “constituídos na instância do ‘já enunciado’, [...] aquilo que já se falou, e que o enunciado se filia” (DIAS, 2018a, p.101). E adquire pertinência na atualidade por condensar enunciações que valorizam o viver com intensidade, a busca constante da realização dos projetos, sonhos, desejos, felicidade, cenário do homem moderno do século XXI.

Estendendo essa reflexão para o domínio sociológico, Zygmunt Bauman (2008) afirma que as gerações anteriores se preocupavam com o passado e o futuro, e que hoje o ser humano tende a pensar apenas no presente, no imediato. Nessa conjuntura, o mundo atual é marcado por incertezas, inseguranças, logo, no viver contemporâneo, a enunciação da forma pronominal adquire pertinência por contrair relação com o domínio de memória e por projetar sentidos que indicam a vulnerabilidade da vida, portanto, a necessidade de usufruí-la com

urgência no momento presente, sem reflexão sobre as possíveis consequências ou arrependimento.

Ao retomarmos os questionamentos iniciais, intuímos que o critério para o reconhecimento de um verbo pronominal, com base no viés enunciativo, pode ter como motivação o movimento subjetividade-intersubjetividade.

No cenário da enunciação o fenômeno da forma verbal que se une a um clítico pronominal ultrapassa o viés morfológico e sintático e tematiza relações que têm por base uma noção causal, em que a ação descrita pelo verbo retorna ao sujeito que a pratica. Parece-nos que a força de atualização da significação de *apaixonar-se por*, *apaixonar-se* e *arrepender-se* passa pela semantização da forma verbal, ou seja, por aquilo que é do campo da memória da língua, que, por sua vez, permite a construção que não incorpora o pronome reflexivo *se*, e, mesmo assim, expressa relação de reflexividade, tais como nas ocorrências: (27) *se arrependimento matasse, eu já estaria a sete palmos do chão* e (28) *não acredito nesse seu arrependimento*.

Em vias de conclusão, observamos que os enunciados descritos em rede com os verbos *apaixonar-se* e *arrepender-se* significam um tipo de aconselhamento de um Eu para outro Eu, seja sobre o modo de construir relações afetivas (eu - outro), (eu - eu), seja sobre a maneira de comporta-se em sociedade, ou pela forma adequada de se redimir diante a um erro.

Remetendo-nos aos estudos filosóficos de Heidegger (2008, p. 203), “falar é ao mesmo tempo escutar”, logo, parece-nos que os verbos pronominais em questão podem ser considerados formas reflexivas obrigatórias por semantizarem a relação intrínseca entre o sujeito e a linguagem. Uma relação que não se limita ao uso de signos formais, com sentido estanque, que une um significado a um significante, antes, observamos o movimento singular entre a subjetividade que é também intersubjetividade que “se constrói na relação de um eu que fala e de um outro que escuta, ambos se constituindo numa relação mediada pela linguagem”. (FERRAZ, SANTOS, ALMEIDA, 2016, p. 171).

Acrescentamos a essa compreensão o fato de que “enunciar é estar na língua em funcionamento [...] a língua funciona no acontecimento” (GUIMARÃES, 2005, p. 22), assim, a forma verbal significa porque “cruzam-se os referenciais de memória com as pertinências enunciativas”. (DIAS, 2018a, p. 107). Em outros termos, “enuncia-se

enquanto ser afetado pelo simbólico” (GUIMARÃES, 2005, p. 11), logo, os enunciados com os verbos pronominais *apaixonar-se* e *arrepender-se* evocam uma memória daquilo que já significou e, ao mesmo tempo, “como sujeitos históricos na relação com a língua, somos [...] instados a enunciar” (DIAS, 2018a, p. 128).

Em síntese, o funcionamento enunciativo dos verbos pronominais contrai pertinência na atualidade do enunciar por discursivizar práticas históricas da sociedade, logo, um acontecimento que se dá por meio da relação do sujeito com a língua.

5. Considerações finais

Nosso intento, neste trabalho, foi esboçar uma reflexão em torno das formas verbais pronominais por meio de um viés enunciativo, no qual, consideramos a constituição histórica da significação.

Assim, observamos que as ocorrências enunciativas com os verbos pronominais *apaixonar-se* e *arrepender-se* significam por uma memória de sentidos que ganha pertinência na atualidade do dizer. As construções com o verbo *apaixonar-se* tematizam relações de afetividade entre interlocutores que podem ou não obter êxito com a reciprocidade de sentimentos, ideais e ações. E, ainda, relações subjetivas que visam ao sucesso pessoal e profissional. Assim, observamos que a significação proporcionada pelas ocorrências de *apaixonar-se por X* e *apaixonar-se* tem como variação apenas o alvo, que se beneficia da paixão de alguém. Por sua vez, a significação de *arrepender-se* constitui-se por retomar o referencial religioso da conversão do sujeito, que ora pode agir com prudência e retidão, ora pode entregar-se aos prazeres carnis do cotidiano. Em suma, esperamos ter esboçado uma reflexão que contribua para a compreensão de que a forma verbal pronominal significa no acontecimento enunciativo em que é dito por estar ancorada semanticamente pelo cruzamento entre os referenciais de memória e as pertinências enunciativas.

Referências

ALENCAR NETO, W. D. **As formações nominais em textos sobre racismo e antirracismo: O caso das nominalizações.** 2018. Tese

(Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2018.

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BANDEIRA, G. A. F. **O apagamento de se nas funções sujeito e objeto**: um estudo variacionista com dados do Varsul do Paraná. 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

BAUMAN, Z. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, E. (1966) **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. In: **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. vol.19, n. 1. São Paulo, 2003

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, L. F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas: SP, Pontes Editores, 2018a.

DIAS, L. F. Identificações do Mato Grosso: uma abordagem enunciativa. In: **Atlas dos Nomes que dizem histórias das cidades brasileiras**: um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase 2). GUIMARÃES, E. (et al.). (orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

DIAS, L. F.; SILVA, C. D. Os espaços de trabalho com a língua na pesquisa científica e no ensino: as *hashtags* em pauta. In: DI RENZO, A. M; MOTTA, A.L. A. R. (Orgs.). **Ciência, Língua e Ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 35, jan./jun., p. 99-138, 2015a.

DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimentos na semântica. In: **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista: BA, v. 13, n.1, 2015b.

- DIAS, L. F. Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa. In: **Letras**, Santa Maria, n. 46, 2013a.
- DIAS, L. F. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 9, n. 2. Passo Fundo: RS, 2013b.
- FERRAZ, L. A. N., SANTOS, J. V., ALMEIDA, J. M. Subjetividade em Heidegger e Benveniste: possíveis aproximações. In: **Antares**, vol. 8, n. 15, jan/jun, 2016.
- FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.
- GUIMARÃES, E. (2005) **Semântica do acontecimento**: um estudo da designação. 2. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KAISER, G. A. (1996). A evolução dos pronomes clíticos no Português Europeu em comparação com os pronomes clíticos em outras línguas românicas. In: PADILLA et al. (eds.) **Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina**. Vol. 3, Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de las Palmas de Gran Canaria Servicio de Publicaciones (1999). Disponível em: http://ling.unikonstanz.de/pages/home/kaiser/files/Kaiser1999_Evoluc_ao.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.
- LENHARO, A. C. **Descrição léxico-gramatical e funcional dos verbos pronominais do português brasileiro com vistas ao aperfeiçoamento da base de verbos da wordnet brasileira e do alinhamento semântico desta a base de verbos da wordnet norteamericana**. 2014. 238 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.
- LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.
- MACAMBIRA, J. R. Diátese verbal. In: **Revista de Letras**. Vol.1, nº 1, 1978.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. **Guia de usos do português: confrontando regras e usos.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, M. A. **Sintaxe portuguesa: metodologia e funções.** São Paulo: Ática, 1989.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa.** 3. ed., Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

Notas

* Mestra em Linguística Universidade Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Cáceres/MT. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Contato: profatimagraziele@gmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - Cáceres. Contato: neuzazattar@gmail.com

¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/1X4o/apaixonar/>. Acesso em: fev. 2019. (Grifo nosso).

² Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODM5Mzg5/>. Acesso em: dez. 2018.

³ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/780107966676062661/>. Acesso em: dez. 2018

⁴ Disponível em: <http://www.iandealbuquerque.com.br/2016/06/se-apaixone-por-arguem-que.html>. Acesso em: dez. 2018.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/laracostaroriz2/photos/-apaixonem-se-por-arguem-que-defenda-os-direitos-humanos-e-que-se-preocupe-com-o-1859092250811378/>. Acesso em: dez. 2018.

⁶ Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/334547>. Acesso em: jun. 2019.

⁷ Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/334557>. Acesso em: jun. 2019.

⁸ Disponível em: <http://isavieira-namaste.blogspot.com/2019/01/apaixone-se-pela-vida.html>. Acesso em: dez. 2018.

⁹ Disponível em: <https://www.afrase.com.br/frases/7224-apaixone-se>. Acesso em: dez. 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://www.pinterest.es/pin/436567757624623487/>. Acesso em: dez. 2018.

¹¹ Disponível em: <https://www.citador.pt/proverbios.php?op=7&theme=arrepender&firstrec=0>. Acesso em: jan. 2019.

¹² Disponível em: <http://www.gracaeditorial.com.br/site/livros/vida-crista/arrepender-se-para-nao-cair/>. Acesso em: jan. 2019.

¹³ Disponível em: <https://me.me/i/a-melhor-hora-para-arrepender-se-e-antes-de-cometer-o-12349551>. Acesso em: jan.2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.asmelhoresfrases.com.br/2835/e-melhor-arrepender-se-por-ter-feito-2/>. Acesso em: jan. 2019.

¹⁵ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=w8QL>. Acesso em: mar. 2019. (Grifo nosso).

¹⁶ Disponível em: <http://www.rivalcir.com.br/proverbios/arrependimento.html> . Acesso em: mar. 2019. (Grifo nosso).

¹⁷ Disponível em: <http://www.rivalcir.com.br/proverbios/arrependimento.html> . Acesso em: mar. 2019. (Grifo nosso).

¹⁸ Disponível em: <http://www.rivalcir.com.br/proverbios/arrependimento.html> . Acesso em: mar. 2019. (Grifo nosso).